



revistafidelidade@terra.com.br • ano VII • Dezembro/2008 • nº 75 • R\$ 5,00

Revista

Fidelidade **ESPÍRITA**

Socialismo e Espiritismo



A
Revista que
se **Responsabiliza**
Doutrinariamente
pelos Textos Publicados

Sumário



4 CHICO

INSENSO DO MUNDO

Cuidados para não nos afastarmos de Deus

6 ENSINAMENTO

FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

A moral de Jesus

11 MENSAGEM

O GRÃO DE TRIGO

Lição de transformação

12 MEDIUNIDADE

DIRETRIZES DE SEGURANÇA

Questões sobre mediunidade

21 ESTUDO

ORDEM DO MESTRE

Palavras de esperança e paz

24 REFLEXÃO

EDUCAÇÃO MODERNA, PREPARAÇÃO OU LIBERDADE?

Melhor maneira de educarmos nossos filhos

14 CAPA

SOCIALISMO E ESPIRITISMO

PRÓXIMA EDIÇÃO

MAIS QUE O ALIMENTO

OS TESOUROS DA TERRA E OS DO CÉUS



26 COM TODAS AS LETRAS

ALGUNS ERROS PARA EVITAR

Importantes dicas da nossa língua portuguesa

EDITORIAL

Cada estrela que paira no céu é portadora de brilho próprio, vibrando luz no ritmo e frequência que a caracterizam.

Unidas umas às outras, porém, formam constelações inteiras, espalhando luminosidade e beleza em meio à escuridão noturna, qual fossem um sorriso de Deus para a humanidade.

O mesmo ocorre nos grupos dedicados ao intercâmbio mediúnico.

Quando te reúnes com os companheiros de ideal para a prática da comunicação com os espíritos, levas contigo muito mais que a simples instrumentalidade psíquica.

Na verdade, carregas tudo quanto trazes no coração – e que muitas vezes ignoras.

Teus pensamentos, emoções e ideais compõem a atmosfera que te caracteriza por dentro.

O ser humano é, essencialmente, o que pensa, sente e deseja.

Por esse motivo, um dos teus principais desafios será o de te equilibrar, buscando a harmonia interna, a partir do autoconhecimento, a fim de que a tua presença signifique fator favorável ao intercâmbio superior.

Recorda que és um espírito imortal destinado a realizações que transcendem os interesses puramente físicos.

Guardas, em teu ser mais profundo, infinitas potencialidades que revelam a tua natureza divina.

Descobri-las para melhor canalizá-las é dever de todo aquele que pretende a plenitude por meio da vivência harmoniosa com as leis cósmicas.

Constatarás que podes ser paz, se estás apaziguado por dentro, ainda que conflitos e antagonismos te rondem por fora. E que podes ser luz, se alimentares a chama do amor no altar do próprio coração, mesmo que a indiferença e a incompreensão te cerquem os passos.

Tomarás consciência do teu Eu superior, fazendo emergir para a tua personalidade a essência espiritual que te caracteriza como filho de Deus.

Alcançarás, natural e gradualmente, estados de consciência cada vez mais elevados, que se expressarão no trato com os teus semelhantes, em forma de tolerância, compaixão e fraternidade irrestritos.

Valorizarás o diálogo como ponte que aproxima as almas, mas aprenderás a silenciar sempre que a palavra não puder ajudar.

Cultivarás a simpatia espontânea e sincera, mas buscarás preservar, sobretudo, a fidelidade à própria consciência.

Combaterás o erro, sem desamparar aquele que erra.

Submeter-te-ás à corrigenda sempre que necessário, sem mergulhar no fosso do melindre.

Por certo, trazer à tona estas potencialidades não significará mergulhar no isolamento

Improdutivo. O verdadeiro servidor do bem não caminha à margem de seus irmãos em humanidade como um alienado que cultiva excentricidades. Ama, serve e segue adiante, sem perder de vista que a romagem terrena constitui um curso reeducativo no qual todos nos encontramos como aprendizes.

Entretanto, como herdeiro natural da divindade, é necessário exercites tuas potencialidades superiores, a fim de expandi-las de dentro para fora, de forma natural e consciente, até que preencham totalmente a tua personalidade.

Descobrirás, então, que no grupo em que serves, não és apenas um intermediário ocasional, mas uma estrela fulgurante, dotada de luz própria e que, unido à luminosidade de teus companheiros de ideal, compões uma constelação de amor, sorrindo para a humanidade em nome de Deus.

Augusto

LEVY, Clayton. *Mediunidade e Autoconhecimento*. CEAK. 2003

Edição

Centro de Estudos Espíritos
“Nosso Lar” – Depto. Editorial

Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

Projeto Gráfico

Fernanda Berquó Spina

Revisão

Zilda Nascimento

Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

Impressão

Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritos “Nosso Lar” responsabiliza-se doutrinariamente pelos artigos publicados nesta revista.

FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br
(19) 3233-5596

ASSINATURAS

Assinatura anual: R\$45,00
(Exterior: US\$50,00)

FALE CONOSCO ON-LINE

CADASTRE-SE NO MSN
E ADICIONE O NOSSO ENDEREÇO:

atendimento@revistafidelidade@hotmail.com



Centro de Estudos Espíritos “Nosso Lar”

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

Incenso do Mundo

por Suely Caldas Schubert

 11-1-1950

(...) Tive notícias da desencarnação do nosso companheiro Félix, pelo irmão Victor Torquato (...) sabendo porém, através dele, que o antigo servidor da Casa de Ismael desencarnou quase que de improviso.

Tens muita razão nas referências ao..... O caso dele é uma lição viva para nós. Emmanuel costuma dizer-me que “quando aceitamos o incenso do mundo, vamos perdendo o contacto com a Vontade de Deus”. É um quadro triste observar o nosso amigo agitando-se em semelhante zona de incompreensão. É um problema estranho que não decifrarei nesta encarnação, porque é quase incrível reparar uma pessoa com tanta luz a comprazer-se nas sombras. Enfim...

De qualquer modo, meu caro, quanto mais acirrar-se o combate de um lado, mais o Espiritismo Cristão precisa do teu concurso desinteressado e nobre. Põe teu espírito no Cristo e lembra-te de que o Senhor não coloca o serviço dos gigantes em ombros quebradiços. (...) Grato pelas notícias do Conselho. (...) Como vai a Liga Espírita do Brasil? Peço a Deus que a união esteja alicerçada na verdadeira

pacificação. (...) Dr. J. Nogueira, autor de “Amor Imortal”, já é desencarnado? Há poucos dias recebi a ligeira visita de uma entidade com esse nome e fiquei em dúvida. (...)”

Referindo-se a determinado companheiro, Chico repete frase de Emmanuel, ao dizer que “quando aceitamos o incenso do mundo, vamos perdendo o contacto com a vontade de Deus”.

O incenso do mundo tem distraído muitos trabalhadores em suas tarefas. E não poucas vezes os afasta definitivamente de compromissos e responsabilidades.



O incenso do mundo tem distraído muitos trabalhadores em suas tarefas

À medida em que o homem se embrenha no cipoal das convenções e honrarias terrestres, deixando-se absorver por elas, mais irá se afastando das atividades que o aproximariam de Deus.

É claro que o homem pode servir aos interesses divinos em quaisquer circunstâncias. Benfeitores da Humanidade existem por toda parte e expressam-se através de obras as mais diversas nos inúmeros segmentos da vida humana.

Ninguém precisa ser rotulado para as realizações úteis.

Participar do desenvolvimento e do progresso nas áreas onde vivemos; atuar conscientemente no campo profissional; buscar o próprio crescimento como pessoa e aceitar e desejar que os outros o façam também, enfim, sentir-se solidário com todos os demais seres humanos, que igualmente lutam e se esforçam para vencer o desafio da vida, são ações pessoais básicas, ideais, em primeira instância.

Emmanuel, porém, refere-se àqueles que assumiram determinado tipo de compromisso. E, mais especialmente, em nossas fileiras.

A Vontade de Deus, na frase, representa, portanto, o compromisso assumido.

Distrair-se com as superficialidades do mundo é prejudicial para os que têm tarefas específicas. Para estes, os ensejos surgem propiciando-lhes testemunhos nos setores em que atuam.

O incenso do mundo, inebriante como sempre, afasta o trabalhador e o desvia de seus deveres.

Chico explica que esse amigo está em situação difícil. Sendo

Benfeitores da Humanidade existem por toda parte e expressam-se através de obras as mais diversas nos inúmeros segmentos da vida humana

portador de excelentes qualidades, e tendo a luz do conhecimento, deixou-se envolver pela fatuidade, que, no caso, é sombra no campo de suas responsabilidades.

Chico lembra, em seguida, a Wantuil, que apesar de todas as lutas ele deve prosseguir no labor para o qual está suficientemente preparado.

Fonte:

SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Págs. 272 - 274. Feb. 1998.



Fora da Caridade não há Salvação

por Allan Kardec

Ode que precisa o Espírito para se salvar. Parábola do bom samaritano. - O mandamento maior. - Necessidade da caridade, segundo S. Paulo. - Fora da Igreja não há salvação. Fora da verdade não há salvação. - **Instruções dos Espíritos:** Fora da caridade não há salvação.

O DE QUE PRECISA O ESPÍRITO PARA SER SALVO. PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO.

1. Ora, quando o filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, sentar-se-á no trono de sua glória; - reunidas diante dele todas as nações, separará uns dos outros, como o pastor separa dos bodes as ovelhas, - e colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda.

Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do reino que vos foi preparado desde o princípio do mundo; - porquanto, tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; careci de teto e me hospedastes; - estive nu e me vestistes; achei-me doente e me visitastes; estive preso e me fostes ver.

Então, responder-lhe-ão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? - Quando foi que te vimos sem teto e te hospedamos; ou despido e te vestimos? - E quando foi que te soubemos doente ou preso e fomos visitar-te? - O Rei lhes responderá: Em verdade vos digo, todas as vezes que isso fizestes a um destes mais pequeninos dos meus irmãos, foi a mim mesmo que o fizestes.

Dirá em seguida aos que estiverem à sua esquerda: Afastai-vos de mim,

malditos; ide para o fogo eterno, que foi preparado para o diabo e seus anjos; - porquanto, tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber; precisei de teto e não me agasalhastes; estive sem roupa e não me vestistes; estive doente e no cárcere e não me visitastes.

Também eles replicarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome e não te demos de comer, com sede e não te demos de beber, sem teto ou sem roupa, doente ou preso e não te assistimos? - Ele então lhes responderá: Em verdade vos digo: todas a vezes que faltastes com a assistência a um destes mais pequenos, deixastes de tê-la para comigo mesmo.

E esses irão para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna. (S. MATEUS, cap. XXV, vv. 31 a 46.)

2. Então, levantando-se, disse-lhe um doutor da lei, para o tentar: Mestre, que preciso fazer para possuir a vida eterna? - Respondeu-lhe Jesus: Que é o que está escrito na lei? Que é o que lês nela? - Ele respondeu: Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças e de todo o teu espírito, e a teu próximo como a ti mesmo. - Disse-lhe Jesus: Respondeste muito bem; faze isso e viverás.

Mas, o homem, querendo parecer que era um justo, diz a Jesus: Quem é o meu próximo? - Jesus, tomando a palavra, lhe diz:

Um homem, que descia de Jerusalém para Jericó, caiu em poder de ladrões, que o despojaram, cobriram de ferimentos e se foram, deixando-o semimorto. - Aconteceu em seguida que um sacerdote, descendo pelo mesmo caminho, o viu e passou adiante.

Um levita, que também veio àquele lugar, tendo-o observado, passou igual-

mente adiante. - Mas, um samaritano que viajava, chegando ao lugar onde jazia aquele homem e tendo-o visto, foi tocado de compaixão. - Aproximou-se dele, deitou-lhe óleo e vinho nas feridas e as pensou; depois, pondo-o no seu cavalo, levou-o a uma hospedaria e cuidou dele. - No dia seguinte tirou dois denários e os deu ao hospedeiro, dizendo: Trata muito bem deste homem e tudo o que dispenderes a mais, eu te pagarei quando regressar.

Qual desses três te parece ter sido o próximo daquele que caíra em poder dos

Toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho

ladrões? - O doutor respondeu: Aquele que usou de misericórdia para com ele. - Então, vai, diz Jesus, e faze o mesmo. (S. LUCAS, cap. X, vv. 25 a 37.)

3. Toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, ele aponta

essas duas virtudes como sendo as que conduzem à eterna felicidade: Bem-aventurados, disse, os pobres de espírito, isto é, os humildes, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados os que têm puro o coração; bem-aventurados os que são brandos e pacíficos; bem-aventurados os que são misericordiosos; amai o vosso próximo como a vós mesmos; fazei aos outros o que querieis vos fizessem; amai os vossos inimigos; perdoai as ofensas, se quiserdes ser perdoados; praticai o bem sem ostentação; julgai-vos a vós mesmos, antes de julgardes os outros. Humildade e caridade, eis o que não cessa de recomendar e o de que dá, ele próprio, o exemplo. Orgulho e egoísmo, eis o que não se cansa de combater. E não se limita a recomendar a caridade; põe-na claramente e em termos explícitos como condição absoluta da felicidade futura.

No quadro que traçou do juízo final, deve-se, como em muitas outras coisas, separar o que é apenas figura, alegoria. A homens como os a quem falava, ainda incapazes de compreender as questões puramente espirituais, tinha ele de apresentar imagens materiais chocantes e próprias a impressionar. Para melhor apreenderem o que dizia, tinha mesmo de não se afastar muito das idéias correntes, quanto à forma, reservando sempre ao porvir a verdadeira interpretação de suas palavras e dos pontos sobre os quais não podia explicar-se claramente. Mas, ao lado da parte acessória ou figurada do quadro, há uma idéia dominante: a da felicidade reservada ao justo e da infelicidade que espera o mau. ▶

Naquele julgamento supremo, quais os considerandos da sentença? Sobre que se baseia o libelo? Pergunta, porventura, o juiz se o inquirido preencheu tal ou qual formalidade, se observou mais ou menos tal ou qual prática exterior? Não; inquire tão-somente de uma coisa: se a caridade foi praticada, e se pronuncia assim: Passai à direita, vós que assististes os vossos irmãos; passai à esquerda, vós que fostes duros para com eles. Informa-se, por acaso, da ortodoxia da fé? Faz qualquer distinção entre o que crê de um modo e o que crê de outro? Não, pois Jesus coloca o samaritano, considerado herético, mas que pratica o amor do próximo, acima do ortodoxo que falta com a caridade. Não considera, portanto, a caridade apenas como uma das condições para a salvação, mas como a condição única. Se outras houvesse a serem preenchidas, ele as teria declinado. Desde que coloca a caridade em primeiro lugar, é que ela implicitamente abrange todas as outras: a humildade, a brandura, a benevolência, a indulgência, a justiça, etc., e porque é a negação absoluta do orgulho e do egoísmo.

O MANDAMENTO MAIOR

4. Mas, os fariseus, tendo sabido que ele tapara a boca aos saduceus, se reuniram; – e um deles, que era doutor da lei, foi propor-lhe esta questão, para o tentar: Mestre, qual o grande mandamento da lei? – Jesus lhe respondeu: Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito. – Esse o maior e o

primeiro mandamento. - E aqui está o segundo, que é semelhante ao primeiro: Amarás o teu próximo, como a ti mesmo. – Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos. (S. MATEUS, cap. XXII, vv. 34 a 40.)

5. Caridade e humildade, tal a senda única da salvação. Egoísmo e orgulho, tal a da perdição. Este princípio se acha formulado nos seguintes precisos termos: “Amarás a Deus de toda a tua alma e a teu próximo como a ti mesmo; toda a

Não podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se resumem nesta máxima: Fora da caridade não há salvação.

lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos.” E, para que não haja equívoco sobre a interpretação do amor de Deus e do próximo, acrescenta: “E aqui está o segundo mandamento que é semelhante ao primeiro”, isto é, que não se pode verdadeiramente amar

a Deus sem amar o próximo, nem amar o próximo sem amar a Deus. Logo, tudo o que se faça contra o próximo o mesmo é que fazê-lo contra Deus. Não podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se resumem nesta máxima: *Fora da caridade não há salvação.*

NECESSIDADE DA CARIDADE, SEGUNDO S. PAULO

6. Ainda quando eu falasse todas as línguas dos homens e a língua dos próprios anjos, se eu não tiver caridade, serei como o bronze que soa e um címbalo que retine; – ainda quando tivesse o dom de profecia, que penetrasse todos os mistérios, e tivesse perfeita ciência de todas as coisas; ainda quando tivesse a fé possível, até o ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. - E, quando houver distribuído os meus bens para alimentar os pobres e houvesse entregado meu corpo para ser queimado, se não tivesse caridade, tudo isso de nada me serviria.

A caridade é paciente; é branda e benfazeja; a caridade não é invejosa; não é temerária, nem precipitada; não se enche de orgulho; - não é desdenhosa; não cuida de seus interesses; não se agasta, nem se azeda com coisa alguma; não suspeita mal; não se rejubila com a injustiça, mas se rejubila com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

Agora, estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade permanecem; mas, dentre elas, a mais excelente é a caridade (S. PAULO, 1ª Epístola aos Coríntios, cap. XIII, vv. 1 a 7 e 13.) ▶

7. De tal modo compreendeu S. Paulo essa grande verdade, que disse: *Quando mesmo eu tivesse a linguagem dos anjos; quando tivesse o dom de profecia, que penetrasse todos os mistérios; quando tivesse toda a fé possível, até ao ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. Dentre estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade, a mais excelente é a caridade.* Coloca assim, sem equívoco, a caridade acima até da fé. É que a caridade está ao alcance de toda gente: do ignorante, como do sábio, do rico, como do pobre, e independe de qualquer crença particular.

Faz mais: define a verdadeira caridade, mostra-a não só na beneficência, como também no conjunto de todas as qualidades do coração, na bondade e na benevolência para com o próximo.

**FORA DA IGREJA NÃO
HÁ SALVAÇÃO. — FORA
DA VERDADE NÃO HÁ
SALVAÇÃO**

8. Enquanto a máxima - Fora da caridade não há salvação - assenta num princípio universal e abre a todos os filhos de Deus acesso à suprema felicidade, o dogma - Fora da Igreja, não há salvação - se estriba, não na fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma, fé comum a todas as religiões, porém numa fé especial, em dogmas particulares; é exclusivo e absoluto. Longe de unir os filhos de Deus, separa-os; em vez de incitá-los ao amor de seus irmãos, alimenta e sanciona a irritação entre sectários dos diferentes cultos que reciprocamente se consi-

deram malditos na eternidade, embora sejam parentes e amigos esses sectários. Desprezando a grande lei de igualdade perante o túmulo, ele os afasta uns dos outros, até no campo do repouso. A máxima - Fora da caridade não há salvação consagra o princípio da igualdade perante Deus e da liberdade de consciência. Tendo-a por norma, todos os homens são irmãos e, qualquer que seja a maneira por que adorem o Criador, eles se estendem

A verdade absoluta é patrimônio unicamente de Espíritos da categoria mais elevada e a Humanidade terrena não poderia pretender possuí-la

as mãos e oram uns pelos outros. Com o dogma - Fora da Igreja não há salvação, anatematizam-se e se perseguem reciprocamente, vivem como inimigos; o pai não pede pelo filho, nem o filho pelo pai, nem o amigo pelo amigo, desde que mutuamente se consideram condenados sem remissão. É, pois,

um dogma essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e à lei evangélica.

9. Fora da verdade não há salvação equivaleria ao Fora da Igreja não há salvação e seria igualmente exclusivo, porquanto nenhuma seita existe que não pretenda ter o privilégio da verdade. Que homem se pode vangloriar de a possuir integral, quando o âmbito dos conhecimentos incessantemente se alarga e todos os dias se retificam as idéias? A verdade absoluta é patrimônio unicamente de Espíritos da categoria mais elevada e a Humanidade terrena não poderia pretender possuí-la, porque não lhe é dado saber tudo. Ela somente pode aspirar a uma verdade relativa e proporcionada ao seu adiantamento. Se Deus houvera feito da posse da verdade absoluta condição expressa da felicidade futura, teria proferido uma sentença de proscricção geral, ao passo que a caridade, mesmo na sua mais ampla acepção, podem todos praticá-la. O Espiritismo, de acordo com o Evangelho, admitindo a salvação para todos, independente de qualquer crença, contanto que a lei de Deus seja observada, não diz: Fora do Espiritismo não há salvação; e, como não pretende ensinar ainda toda a verdade, também não diz: Fora da verdade não há salvação, pois que esta máxima separaria em lugar de unir e perpetuaria os antagonismos.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

10. Meus filhos, na máxima: Fora da caridade não há salvação, estão encerrados os destinos dos homens, na Terra e no céu; na Terra, porque à sombra desse estandarte eles viverão em paz; no céu, porque os que a houverem praticado acharão graças diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a luminosa coluna que guia o homem no deserto da vida, encaminhando-o para a Terra da Promissão. Ela brilha no céu, como auréola santa, na frente dos eleitos, e, na Terra, se acha gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: Passai à direita, benditos de meu Pai. Reconhecê-los-eis pelo perfume de caridade que espalham em torno de si nada exprime com mais exatidão o pensamento de Jesus, nada resume tão bem os deveres do homem, como essa máxima de ordem divina. Não poderia o Espiritismo provar melhor a sua origem, do que apresentando-a como regra, por isso que é um reflexo do mais puro Cristianismo. Levando-a por guia, nunca o homem se transviará. Dedicai-vos, assim, meus amigos, a perscrutar-lhe o sentido profundo e as conseqüências, a descobrir-lhe, por vós mesmos, todas as aplicações. Submetei todas as vossas ações ao governo da caridade e a consciência vos responderá. Não só ela evitará que pratiqueis o mal, como também fará que pratiqueis o bem, porquanto uma virtude negativa não basta: é necessária uma virtude ativa. Para fazer-se o bem, mister sempre se torna a ação da vontade; para se não praticar o mal, basta as mais das vezes a inércia e a despreocupação.

Meus amigos, agradecei a Deus o haver permitido que pudésseis gozar a luz do Espiritismo. Não é que somente os que a possuem hajam de ser salvos; é que, ajudando-vos a compreender os ensinamentos do Cristo, ela vos faz melhores cristãos. Esforçai-vos, pois, para que os vossos irmãos, observando-vos, sejam induzidos a reconhecer que verdadeiro espírita e verdadeiro cristão são uma só e a mesma coisa, dado que todos quantos praticam a caridade são discípulos de Jesus, sem embargo da seita a que pertençam. Paulo, o apóstolo. (Paris, 1860.)

Fonte:

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Págs. 256 - 262. Feb. 1981.

O Grão de Trigo

por Vinícius

“Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo caído na terra não morrer, fica só; mas, se morrer, dá muito fruto.”

Tais foram as palavras do Senhor referindo-se ao próximo martirologio que o esperava. Ele compreendia perfeitamente a necessidade de se sacrificar pelo ideal que encarnara, para que esse ideal vingasse e frutificasse.

Como de costume, usando aquele processo eminentemente pedagógico, o Mestre recorre às analogias para gravar seus ensinamentos. E que sabedoria profunda em tão singela semelhança?

A semente, para proliferar, há-de dar-se a si mesma em holocausto. Enquanto se mantiver ilesa, em estado integral, os germes que encerra permanecerão latentes, inativos. Para que entre em ação é indispensável o sacrifício. Quando a semente desaparece, imolada no seio húmido da terra, é precisamente quando a vida surge desse aparente aniquilamento, em largos e francos borbotões. A cova não se fecha sobre ela senão para se abrir em seguida, a fim de a restituir centuplicada.

Tal é o que se passa com o homem. Para que ele dê o que de melhor encerra, é necessário dispor-se ao sacrifício de sua personalidade. Enquanto esta não se oferece em

holocausto, os altos poderes do espírito jazem improdutivos, no estado de simples germes, como as propriedades ocultas no âmago da semente. No fundo de nossas almas estão escondidos tesouros inestimáveis. O personalismo impede que nos apossemos desses bens. O egoísmo — misto de orgulho e sórdida ambição —, escravizando-nos às coisas externas, não nos deixa tempo para sondarmos nosso interior.

Imaginemos a semente sempre resguardada de toda e qualquer influência, mantida em perpétuo estado de conservação. Que utilidade teria? Donde vem o valor da semente senão de sua intrínseca propriedade de germinação? E como promover este fenômeno sem a sacrificar? Mas ponderemos: a semente que frutifica seria, porventura, aniquilada? De modo nenhum. Apenas a aparência foi desfeita; a essência, a vida, porém, até então embaraçada e oculta na forma, transfundiu-se no broto, no caule, no tronco donde pendem ramos frondosos ostentando belas flores e sazoados frutos.

Eis a imagem do homem. Enquanto ele permanece egoisticamente encastelado em seu personalismo, nada pode produzir de

elevado ou digno de nota. À medida, porém, que vai resolvendo dar-se em sacrifício pelas causas nobres, transforma-se numa fonte perene de bênçãos para si e para outrem.

“Quem quer ganhar a vida, perdelá; quem se dispuser a perder a vida por amor do Evangelho, ganhá-la.” É indispensável imolarmos nosso “eu”: de tal depende todo bem presente e futuro. Não há sacrifício perdido: do menor ao maior, todos trazem conseqüências proveitosas à evolução de nosso espírito. Ofertemos, pois, em holocausto, nossas vaidades, nossas ambições, nosso personalismo e nossa própria vida, se tanto for preciso, para que de nosso interior resplandeça a luz divina que ali se esconde; para que nossas almas possam refletir, como límpidos cristais, a imagem santa de Deus a cuja semelhança fomos criados.

Sejamos como o grão de trigo que, morrendo, produz muito fruto.

Fonte:

VINÍCIUS. Nas Pegadas do mestre. Págs. 128 - 129. Feb. 1995.

Diretrizes de Segurança



por Divaldo Franco e Raul Teixeira

47. Seria desaconselhável o desempenho mediúnico isolado bem como em reuniões domiciliares ou recintos estranhos aos Centros ou locais similares?

Divaldo - É desaconselhável esse comportamento como hábito, o que não impede que, excepcionalmente, ocorra o fenômeno com a anuência do médium sob a inspiração dos Bons Espíritos.

Não chegaremos ao absurdo de supor que, no Lar, periodicamente, não venham os Benfeitores Espirituais para o diálogo de emergência, para uma palavra fraternal, para um encontro de estímulo entre aqueles que se reúnem para orar.

É desaconselhável que se transforme o estudo espírita e evangélico realizado em família em reunião mediúnica, porque, como o nome diz, trata-se de uma oportunidade para estudar e meditar e não para o exercício da mediunidade. Mas, vez que ou-

tra, dependendo dos Instrutores Espirituais, pode ocorrer comunicação de Entidade Benfeitora para trazer um conteúdo, que pareça a esse Benfeitor, como de relevância. Não se permitindo, entretanto, que tal se transforme num hábito.

É desaconselhável que, em lugares não preparados o mister mediúnico venha a ocorrer para fenômeno com anuência do sensitivo. Perguntar-se por quê? Respondemos que, pelos danos que poderão advir. Se o meio for hostil, leviano e de recursos psíquicos negativos, podem ocorrer mistificações, distonias, aberturas vibratórias para espíritos que não tenham propósitos superiores. Seria o mesmo que requisitar determinada cirurgia num consultório médico onde não haja requisitos da assepsia, do instrumental, etc.

Portanto, a Casa Espírita é o lugar ideal, porque ali os Benfeitores instalam equipamentos de Socor-

ro de emergência; estão entidades zelosas que se Postam para defender o recinto; encontram-se trabalhadores especializados que vêm para o ministério, adredemente programado. Porque se na Terra, que é o mundo dos efeitos são tomados cuidados antes das realizações é compreensível que no mundo espiritual as realizações mereçam um tratamento muito especializado no que tange ao progresso da criatura e da humanidade.

Os Benfeitores programam as tarefas mediúnicas e aqueles que se vão comunicar para que tudo ocorra em clima de ordem e de paz. O médium que se submete a fenômenos de ocasião está sujeito a graves perigos, porque seria o mesmo que colocar instrumentos de alta sensibilidade nas mãos de pessoas inescrupulosas ou desconhecedoras de seu mecanismo. Concluindo é desaconselhável.

48. O que pensar do Costume de fazer-se sessões mediúnicas fora dos Centros Espíritos?

Divaldo - um hábito muito perigoso, seria o mesmo que se levar pacientes para serem operados em qualquer lugar, só Porque há boa vontade, mas não se dispondo de conveniente assepsia nem dos requisitos necessários que se encontram nos hospitais. Nesse caso, os êxitos seriam raros. Além disso, ocorre que, realizada a sessão em qualquer lugar, este fica marcado pelos espíritos sofreadores que vão sendo informados uns pelos outros, e começam a freqüentá-lo. Se for um lar, como aí não existem as defesas necessárias para as incursões de tais espíritos, transforma-se em um pandemônio.

Indagar-se-á: e antes de haver os Centros Espíritos? Enquanto ignoramos, temos uma responsabilidade menor. Mesmo quando não se entendia de assepsia, faziam-se operações, mas o número de óbitos era muito maior.

Já que temos o Centro, por que desrespeitá-lo, fazendo sessões mediúnicas noutra lugar, se ele é o determinado para tal? Se o problema é ir-se a um lugar, por que não ao ideal?

49. De que recursos dispõe o participante de uma reunião mediúnica para identificar a natureza dos espíritos?

Divaldo - Pelos frutos conhecem-se as árvores, pelas ações o caráter dos homens, pela qualidade das comunicações aqueles que as trazem. Em O Livro dos Médiuns, o Codificador estabelece um critério quase infalível.

Os participantes observarão a qualidade da mensagem, o caráter do médium e, depois, o mensageiro que se apresenta.

50. A partir de que idade o jovem espírita pode participar de trabalhos mediúnicos?

Divaldo - Desde quando esteja disposto a assumir responsabilidades. As jovens médiuns que colaboraram com Kardec oscilavam entre 12 e 15 anos de idade, mas há muita gente de 40 anos que não sabe manter perseverança nem responsabilidade. O problema não é de idade cronológica e sim de maturidade espiritual.

Fonte:

FRANCO, Divaldo P. TEIXEIRA, Raul J.
Diretrizes de Segurança. Frater, 2002.

CAPA

*Socialismo e
Espiritismo*



Socialismo e Espiritismo

por Léon Denis

 spiritismo e Socialismo estão unidos por laços estreitos, visto que um oferece ao outro o que lhe falta a mais, isto é, o elemento de sabedoria, de justiça, de ponderação, as altas verdades e o nobre ideal sem o qual corre ele o risco de permanecer impotente ou de mergulhar na escuridão da anarquia.

Todavia, antes de tudo, importa bem definir os termos que empregamos. Para nós, o Socialismo é o estudo, a pesquisa e a aplicação de leis e meios susceptíveis de melhorar a situação material, intelectual e moral da Humanidade. Nessas condições são numerosas as nuances, as variedades de opiniões, de sistemas, desde o Socialismo Cristão até o Comunismo, e todo o homem cuidadoso com a sorte de seus semelhantes pode se dizer socialista, quaisquer que sejam, aliás, suas predileções.

Minha intenção é bem menos tratar a questão social do ponto de vista político ou econômico que pesquisar qual parte de influência o Socialismo poderia ter sobre a evolução do espírito humano e, particularmente, sobre a educação do povo. As questões sociais, que haviam revestido há algum tempo um caráter violento e ameaçavam atear fogo ao edifício que nos abriga, perderam um pouco de sua acuidade. Este é o momento de considerá-lo sem paixão, sem amargor, com a calma que convém aos espíritos refletidos, interessados na justiça, desejosos de facilitar a evolução de todos na paz e harmonia. Como veremos, a questão social, é, acima de tudo, uma questão moral.

Nós subscrevemos voluntariamente as reivindicações legítimas da classe operária reclamando para o trabalhador a sua parte de influência e de bem estar, seu direito aos benefícios industriais, e seu lugar ao sol, porém reprovamos os meios violentos e revolucionários que seriam um perigo para a sociedade ocidental, depois de ter arruinado a sociedade russa.

O que caracteriza atualmente aos nossos olhos o estado de espírito do Socialismo, à exceção de algumas raras unidades, é o conhecimento insuficiente e muito rudimentar das leis universais; sem observação delas, toda obra humana está condenada por antecipação à impotência, à esterilidade, quando não culmina em desordem, em caos.

A vida das sociedades, como a do Universo, é equilibrada por forças opostas, forças contrárias, o equilíbrio perfeito é a ordem, a paz, a harmonia; mas, desde que uma destas forças arroja-se sobre as outras, é a perturbação, a confusão, o sofrimento. O estado de inferioridade de nosso mundo provém precisamente da instabilidade das forças físicas e sociais em ação à sua superfície, pois uma se repercute sobre a outra.

Todo passado nos demonstra a predominância das classes elevadas, ditas dirigentes, sobre o povo reduzido ao estado de miséria. Hoje em dia, são as classes trabalhadoras que por vezes desejam alçar-se e dirigir por sua vez a sociedade. Mas o despotismo que vem debaixo não é melhor do que aquele que vem do alto; é talvez pior, pois que mais brutal e mais cego.

Depois da última guerra o nível intelectual e moral sensivelmente abaixou, as paixões se desencadearam, ▶

os apetites e avidez se tornaram mais ásperos e mais ardentes; é que sua melhor parte de homens se foi; levados por seu devotamento, seu espírito de sacrifício, eles correram para a morte como para uma festa, enquanto os outros, mais prudentes, menos desinteressados, souberam preservar sua vida. Aqueles que se ofereceram em holocausto para a salvação de outrem, planam em multidão acima de nós, assimilam forças e luzes novas.

Eles retornaram bem cedo ao seio desta Humanidade que tem necessidade de seu concurso para trabalhar para sua evolução. Desde já, na geração que surge, espíritos de valor tomaram seu lugar e em uma vintena de anos vê-los-emos se afirmarem por seus méritos e virtudes adquiridos. Entretanto, até lá, teremos que atravessar um período difícil durante o qual todos os que têm consciência de seu dever de solidariedade e que nos liga a todos, os espíritas sobretudo, terão de pagar por suas pessoas e guiar seus semelhantes no caminho árduo do progresso.

A grande lei da evolução, que rege todos os seres, deve também servir de base a toda a organização social. Cada um tem o direito a uma situação relativa às suas aptidões e suas qualidades morais. Ora, é a aquisição que trazemos de nossas vidas anteriores, que a educação espírita poderia esmerilhar.

O essencial seria pois, fazer conhecer ao homem, antes de mais nada, de onde ele vem e para onde ele vai, isto é, qual a finalidade real da vida e a sua destinação. Somente então, surgirá em toda claridade e em todas as conseqüências sociais, essa solidariedade que liga os seres

em todos os graus de sua ascensão, constringendo-os por seu próprio bem a retornar à Terra e a todos os outros mundos nas condições mais diversas, a fim de aí adquirir as qualidades inerentes a esses meios, e, muitas vezes também, para aí resgatar um passado culpável.

Depois das doutrinas do passado que não nos trouxeram senão a obscuridade, a incerteza, o Espiritismo projeta uma viva claridade sobre o caminho a percorrer; no encadea-

***O essencial
seria pois, fazer
conhecer ao
homem, antes
de mais nada, de
onde ele vem e
para onde ele vai***

mento de nossas vidas sucessivas ele nos mostra a ordem, a justiça, a harmonia que reina no Universo. Que o socialista se torne razoável e adote esta grande doutrina, esta ciência vasta e profunda, que esclarece todos os problemas e nos fornece provas experimentais da sobrevivência; que os seus participantes se impregnem e conformem com ela os seus atos e o Socialismo poderá se tornar uma das alavancas que levará a Humanidade para destinos melhores.

*

Posto que me seja detestável, creio dever insistir sobre o estado de





espírito no qual me proponho tratar deste vasto assunto.

Nasci na classe operária e nela não conheci senão lutas e privações. Meu pai era canteiro, depois ele se tornou pequeno empreiteiro, mas o trabalho faltava muitas vezes e era preciso mudar de profissão. Eu mesmo, depois de ter recebido uma instrução muito sumária, me iniciei como pequeno empregado de comércio e o labor manual não me é estranho. Já aos doze anos, eu descolava flans de cobre na Casa da Moeda de Bordeaux, e meus dedos de criança, sob o atrito do metal, muitas vezes se tingiam de sangue. Aos dezesseis anos, em uma fábrica de faianças em Tours, eu carregava o cesto nos dias em que se fazia o desenfornamento das peças. Aos vinte anos, em uma manufatura de couros, eu carregava peles nas horas de aperto, ou manobrava “La Marguerite”, grosso instrumento de madeira que serve para amaciar os couros. Obrigado, durante o dia, a ganhar o meu pão e o dos meus velhos pais, eu consagrava muitas noites aos estudos, a fim de completar minha ligeira bagagem de conhecimento, e, daí data o enfraquecimento prematuro de minha visão.

Depois da Guerra de 1870, compreendi que era preciso trabalhar com ardor para a educação do povo. Com este fim e o auxílio de alguns cidadãos devotados, havíamos fundado, em nossa região, a “Liga do Ensino”, da qual me tornei secretário geral; foram criadas bibliotecas populares e se iniciaram, em pouco por toda a parte, séries de conferências. Isto para demonstrar que sempre guardei o contacto com as classes trabalhadoras, que partilhei

de seus cuidados, suas aspirações para o progresso. Tornei-me muito interessado no movimento cooperativo e, por muito tempo recebi, a título gracioso, os livros de um grupo de operários cordoeiros reunidos em um empreendimento comum.

Agora que a idade branqueou minha cabeça e que a experiência chegou, aprecio mais altamente as vantagens que proporciona a toda alma as reencarnações entre os humildes e a livre aceitação da lei do trabalho. Com efeito, o trabalho é um preservativo soberano contra as armadilhas da paixão, uma espécie de banho moral, um sinônimo de alegria, de paz, de felicidade, quando é realizado com inteligência e obstinação.

Assim eu compreendo melhor porque a lei da evolução leva imensa maioria de seres a renascer no seio de classe laboriosa para aí desenvolver sadias energias, fortalecer os caracteres, tornar o homem verdadeiramente digno deste nome. Na luta constante contra as necessidades, no esforço cotidiano para se sair do aperto das necessidades, pouco a pouco a vontade se afirma, o julgamento se consolida, as mais belas qualidades desabroçam. É por isso que as maiores almas que passaram pela Terra: Cristo, Jeanne D’Arc e tantos outros nobres espíritos, quiseram renascer nas condições, as mais obscuras, para servir de exemplo à Humanidade.

*

Devo dizer aqui que, no curso de minha vida, desde minha infância, em meio às dificuldades que tive de vencer, sempre fui sustentado pelo



lado de lá. Nos momentos em que acabei de falar, eu me sentia levado em meu caminho por uma força invisível, uma força da qual ainda ignorava a natureza, pois meus guias espirituais só se revelaram um pouco mais tarde. Entretanto eu possuía já uma faculdade mediúnicamente, aquela da psicografia, e obtinha comunicações de forma bastante literária. Mas esta faculdade desapareceu de súbito quando me tornei conferencista. Meus protetores do espaço me explicaram que haviam adaptado seus recursos fluídicos às minhas facilidades oratórias, aos meios de improvisação como sendo mais eficazes para a difusão do Espiritismo. Pude notar muitos casos análogos de transformação de fa-

culdades psíquicas, sobretudo entre os médiuns de incorporação.

Nessa época, eu não tratava ainda publicamente de questões espíritas, escolhia assuntos a ela relacionados, mais ou menos diretamente, tais como “A Pluralidade dos Mundos Habitados”, “O Gênio da Gália”, “Jeanne D’Arc” e outros assuntos que permitiam abordar, incidentalmente, o problema do mundo invisível.

Não foi senão por volta de 1880 que abordei franca e publicamente esta questão. As platéias eram pouco favoráveis e foi preciso, mais de uma vez, suportar os escárnios, as objeções pueris e sobretudo o alarido. Hoje, os conferencistas espíritas encontram um melhor acolhimen-

Cristo, Jeanne D’Arc e tantos outros nobres espíritos, quiseram renascer nas condições, as mais obscuras, para servir de exemplo à Humanidade

to. Se seus auditores não são sempre convictos, pelo menos escutam com cortesia. Essas diferenças de atitude dão a medida exata dos progressos realizados por nossas crenças em um período de 40 anos.

Foi sobretudo ao curso de minhas conferências contraditórias na Bélgica, com Volders e Oscar Beck, duas fortes cabeças do Partido Socialista, que eu pude dar-me conta de que este estava profundamente imbuído de teorias materialistas e, por conseqüência, na impossibilidade de estabelecer conexão com seu plano de reforma às leis gerais do Universo cuja essência é por inteiro espiritualista. É verdade que existem brilhantes exceções entre as quais citarei Jaurès que foi sempre um espiritualista convicto, eloqüente e mesmo poeta em suas horas. Mas parece-me que a este respeito ele não fez escola. ▶

De minhas constantes relações com os trabalhadores de toda ordem uma consideração se depreende: é que os operários, sejam das cidades, sejam dos campos, tomados individualmente, isolados, são poucos acessíveis às doutrinas subversivas: comunismo e anarquismo. Sem dúvida, guardaram do passado, dos séculos de servidão, uma espécie de atavismo intuitivo que os torna hostis a todas as formas de opressão; mas possuem no fundo de si mesmos o sentimento da realidade, amam a justiça e o progresso.

É sobretudo nos grandes centros industriais que os excitadores têm mais acesso sobre as massas operárias e que a palavra dos oradores inflamados, com ruim arrivismo, alcança-as melhor, propelindo-as para os excessos. Porém estes têm, geralmente, pouca duração. A França é um país de bom senso e de razão e que permanecerá refratária às teorias do bolchevismo e outras doutrinas estrangeiras. O que se chama de “luta de classes” não existe senão no papel. Em realidade não há mais classes desde a Revolução, não há mais entre elas limites precisos pois há penetração recíproca e contínua. Todo trabalhador econômico pode se tornar patrão. A burguesia tem suas raízes no povo e nele se recruta incessantemente: é de seu seio que se elevaram a maioria dos homens que ilustraram a Humanidade; foi daí que se alçaram tantos burgueses, graças ao seu trabalho ou ao seu talento. Por outro lado, quantos pequenos rendeiros, pequenos proprietários então, em razão da guerra e de suas conseqüências econômicas, não caíram no proletariado? Seu número é difícil de ser

fixado, pois, mudando de situação, mudam quase sempre de residência e vão se perder no turbilhão das grandes cidades.

A desgraça é que os campos se despovoam e que a plethora das cidades se acresce sem cessar. Desertam-se dos trabalhos sadios para irem se confinar em locais estreitos, privados de ar e de luz. Assim, a raça se estereliza, míngua e resvala em um declive perigoso.

***A desgraça é
que os campos
se despovoam
e que a plethora
das cidades se
acresce sem
cessar.***

*

Parece que assistimos a um começo de desagregação da sociedade. O cimento que liga os elementos do edifício, isto é, o espírito de família, a disciplina social, o patriotismo, o sentimento religioso, etc., se enfraquecem e se decompõem.

A quem remonta a responsabilidade deste estado de coisas? Em grande parte à Igreja e à Escola. Petrificada em seus dogmas, a Igreja se tornou impotente para comunicar ao corpo social essa fé viva que é a grande força, a própria alma das nações, seu catecismo, incompreensível e incompreen-

dido é notoriamente insuficiente para esclarecer e guiar as crianças do povo nos caminhos difíceis da existência. Certamente, é verdade, podem ainda com isto se contentar; mas uma sociedade inteira não pode viver desse pão ressecado e endurecido.

Falemos da escola atual, ampla e obrigatória. Ela foi uma reação contra a escola congregacionista imbuída de prejuízos dogmáticos e de doutrinas seculares. Os promotores da escola laica tinham um programa e uma finalidade: fazer todos compartilharem, num ímpeto de entusiasmo, sua confiança na solidariedade humana pela difusão da educação e o conhecimento dos princípios que afirmam o dever e a participação de todos na obra comum. Essa instrução era complementada por noções de moral impregnadas de ideal espiritualista. Os manuais de Paul Bert, de Compayrè ensinavam a existência de Deus, a imortalidade do ser, e procuravam reacender o fogo sagrado nas almas francesas. Seus sucessores, entretanto, em sua política terra-a-terra, eliminaram de pouco em pouco estas noções de idealismo e a escola caiu sob a influência materialista.

Desde então, a instrução laica, desprovida de elevação, desenvolveu o sentimento pessoal. Do orgulho ao egoísmo não vai mais que um passo, e, trinta anos depois, este cresceu graças ao bem estar procurado por uma civilização materialista. Quando a instrução é desprovida de freio moral, de sanção, e vê-se imiscuir a paixão material, ela não faz senão superexercitar os apetites, os desejos de gozos e se traduz por um egoísmo desenfreado. ▶

É preciso, pois, combater o egoísmo por um ensino idealista regenerador. Vencido o egoísmo, será mais fácil extinguir as outras paixões que corroem o coração humano.

A escola neutra representa, hoje em dia, um conjunto de conhecimentos privados do bem moral necessário para constituir uma educação, uma direção eficaz. Ela reencontrará o seu prestígio, o seu poder benéfico, assimilando uma doutrina espiritualista independen-

Vencido o egoísmo, será mais fácil extinguir as outras paixões que corroem o coração humano

te, suscetível de substituir todos os ensinamentos confessionais. Ora, essa doutrina, só o Espiritismo pode fornecê-la. Aguardando essa fusão necessária, qual é o papel de nós espíritas? É o de criar, de multiplicar o exemplo de nossos irmãos lioneses, as escolas dominicais onde a doutrina e a moral espíritas são ensinadas às crianças, assim como aos adultos.

O que dissemos da escola primária, aplica-se igualmente ao ensino superior e mesmo à ciência, a qual não é ainda senão um conjunto de

teorias passageiras, de hipóteses provisórias que um século edifica e que o século seguinte destrói e substitui, como o demonstra o Sr. Charles Richet, com um vigor e uma franqueza merecidos.

É verdade que uma ciência se edifica pouco a pouco. Ela tem por base a experimentação psíquica; mas ela se choca com tantos prejuízos, preconceitos e rotinas materialistas, que se passará muito tempo antes de realizar esta síntese necessária e esperada que religará as ciências atuais, parciais, fragmentárias, em um todo harmonioso, isto é, em uma concepção geral da vida e do Universo. Ela se tornará assim um móvel de ação, um foco de luz capaz de iluminar e de guiar o homem nas vias até aqui incertas de sua destinação.

A Ciência não é feita, ela se faz; um dia, tornada integral e homogênea, abraçará em seus estudos os mundos visível e invisível que penetrará neste oceano de vida oculta que nos envolve. Ela conhecerá as leis e, acima de tudo, essa grande lei de ascensão que convoca cada um de nós através dos tempos para um bem estar melhor. Então, chegado a este domínio elevado do conhecimento poderá servir de base ao destino e à educação. Pois ela será não apenas uma lei, mas também uma lei moral a oferecer à Humanidade.

Hoje, ela é ainda um balbúcio de criança ensaiando por pronunciar as primeiras letras do grande livro eterno e divino.

Esmagada sob o peso da matéria cuja densidade é maior entre nós do que sobre os globos vizinhos, sufocada por uma atmosfera envenenada pelos fluidos das paixões terrestres, como o homem poderá conhecer a

vida invisível que preenche o espaço? Como poderá fazer uma idéia dessas hierarquias espirituais que se superpõem até os cumes da Sede Incriada? É entretanto isto que o homem tem mais necessidade de conhecer, pois é o fim supremo de seus esforços, a sanção de seus atos, a compensação reservada às suas provas e seus males, verdade que, pela descoberta das forças radiantes e dos estágios sutis da matéria, a ciência humana começou a entrever a possibilidade de uma vida invisível, mas, antes de ter analisado este estágio da vida por seus métodos atuais, antes de ter examinado as leis, as conseqüências morais, podem se escoar muitos séculos! Esperando que nossa ciência terrestre tenha chegado à altura das necessidades sociais, eis que o ensinamento dos Espíritos vem abrir mais vastos horizontes iniciando-nos nas leis da harmonia Universal. De pouco em pouco, sobre todos os pontos do globo, uma comunhão se estabelece entre os vivos e os mortos, e logo da Terra inteira, se elevará um hino de júbilo, o grito de reconhecimento e de amor para com Aquele que em Sua sabedoria e Sua Providência permitiu que esta grande revelação se produzisse no momento mesmo em que a Humanidade parece se inclinar para um abismo de trevas e de dores, para Aquele que dispôs todas as coisas com uma Sabedoria, uma Providência, uma Arte infinitas.

Fonte:

DENIS, Léon. *Socialismo e Espiritismo*. Págs. 31 - 46. Casa Editora O Clarim. 1982.

Ordem do Mestre

por Humberto de Campos / Chico Xavier

Avizinhando-se o Natal, havia também no Céu um rebuliço de alegrias suaves. Os anjos acendiam estrelas nos cômodos de neblinas douradas e vibravam no ar as harmonias misteriosas que encheram um dia de encantadora suavidade a noite de Belém. Os pastores do paraíso cantavam e, enquanto as harpas divinas tangiam suas cordas sob o esforço caricioso dos zéfiros da imensidade, o Senhor chamou o discípulo bem-amado ao seu trono de jasmims matizados de estrelas.

O vidente de Patmos não trazia o estigma da decrepitude como nos seus últimos dias entre as Espórades. Na sua fisionomia pairava aquela mesma candura adolescente que o caracterizava no princípio do seu apostolado.

– João – disse-lhe o Mestre – lembras-te do meu aparecimento na Terra?

– Recordo-me, Senhor. Foi no ano 749 da era romana, apesar da arbitrariedade de frei Dionísios, que colocou erradamente o vosso natalício em 754, calculando no século VI da era cristã.

– Não, meu João – retornou docemente o Senhor – não é a questão cronológica que me interessa em te argüindo sobre o passado. É que nessas suaves comemorações

vem até mim o murmúrio doce das lembranças!

– Ah! sim, Mestre Amado – retrucou pressuroso o discípulo – compreendo-vos. Falais, da significação moral do acontecimento. Oh!... se me lembro... a manjedoura, a estrela guiando os poderosos ao estábulo humilde, os cânticos harmoniosos dos pastores, a alegria ressoante dos inocentes, afigurando-se-nos que os animais vos compreendiam mais que os homens, aos quais ofertáveis a lição da humildade com o tesouro da fé e da esperança. Naquela noite divina, todas as potências angélicas do paraíso se inclinaram sobre a Terra cheia de gemidos e de amar-

gura para exaltar a mansidão e a piedade do Cordeiro. Uma promessa de paz desabrochava para todas as coisas com o vosso aparecimento sobre o mundo. Estabelecera-se um noivado meigo entre a Terra e o Céu e recordo-me do júbilo com que vossa mãe vos recebeu nos seus braços feitos de amor e de misericórdia. Dir-se-ia, Mestre, que as estrelas de ouro do paraíso fabricaram, naquela noite de aromas e de radiosidades indefiníveis, um mel divino no coração piedoso de Maria!... Retrocedendo no tempo, meu Senhor bem-amado, vejo o transcurso da vossa infância, sentindo o martírio de que fostes objeto;



o extermínio das crianças de vossa idade, a fuga aos braços carinhosos da vossa progenitora, os trabalhos manuais em companhia de José, as Vossas visões maravilhosas no infinito, em comunhão constante com o vosso e nosso Pai, preparando-vos para o desempenho da missão única que vos fez abandonar por alguns momentos os palácios de sol da mansão celestial para descer sobre as lamas da Terra...

— Sim, meu João, e, por falar nos meus deveres, como seguem no mundo as coisas atinentes à minha doutrina?

— Vão mal, meu Senhor. Desde o concílio ecumênico de Nicéia, efetuado para combater o cisma de Ário em 325, as vossas verdades são deturpadas. Ao arianismo seguiu-se o movimento dos iconoclastas em 787 e tanto contrariaram os homens o vosso ensinamento de pureza e de simplicidade, que eles próprios nunca mais se entenderam na interpretação dos textos evangélicos.

— Mas não te recordas, João, que a minha doutrina era sempre acessível a todos os entendimentos? Deixei aos homens a lição do caminho, da verdade e da vida sem lhes haver escrito uma só palavra.

— Tudo isso é verdade, Senhor, mas logo que regressastes aos vossos impérios resplandecentes, reconhecemos a necessidade de legar à posteridade os vossos ensinamentos. Os evangelhos constituem a vossa biografia na Terra; contudo, os homens não dispensam, em suas atividades, o véu da matéria e do símbolo. A todas as coisas puras da espiritualidade adicionam a extravagância de suas concepções. Nem

nós e nem os evangelhos poderíamos escapar. Em diversas basílicas de Ravenna e de Roma, Mateus é representado por um jovem, Marcos por um leão, Lucas por um touro e eu, Senhor, estou ali sob o símbolo estranho de uma águia.

— E os meus representantes, João, que fazem eles?

— Mestre, envergonho-me de o dizer. Andam quase todos mergulhados nos interesses da vida material. Em sua maioria, aproveitam-se

Os evangelhos constituem a vossa biografia na Terra; contudo, os homens não dispensam, em suas atividades, o véu da matéria e do símbolo

das oportunidades para explorar o vosso nome e, quando se voltam para o campo religioso, é quase que apenas para se condenarem uns aos outros, esquecendo-se de que lhes ensinastes, a se amarem como irmãos.

— As discussões e os símbolos, meu querido — disse-lhe suavemente o Mestre — não me impressionam

tanto. Tiveste, como eu, necessidade destes últimos para as predicções e, sobre a luta das idéias, não te lembras quanta autoridade fui obrigado a despendar, mesmo depois da minha volta da Terra, para que Pedro e Paulo não se tornassem inimigos? Se entre os meus apóstolos prevaleciam semelhantes desuniões, como poderíamos eliminá-las do ambiente dos homens, que não me viram, sempre inquietos nas suas indagações?... O que me contrista é o apego dos meus missionários aos prazeres fugitivos do mundo!

— É verdade, Senhor.

— Qual o núcleo de minha doutrina que detém no momento maior força de expressão?

— É o departamento dos bispos romanos, que se recolheram dentro de uma organização admirável pela sua disciplina, mas altamente perniciosa pelos seus desvios da verdade. O Vaticano, Senhor, que não conheceis, é um amontoado suntuoso das riquezas das traças e dos vermes da Terra. Dos seus palácios confortáveis e maravilhosos irradia-se todo um movimento de escravização das consciências. Enquanto vós não tínheis uma pedra onde repousar a cabeça, dolorida, os vossos representantes dormem a sua sesta sobre almofadas de veludo e de ouro; enquanto trazíeis os vossos pés macerados nas pedras do caminho escabroso, quem se inculca como vosso embaixador traz a vossa imagem nas sandálias matizadas de pérolas e de brilhantes. E junto de semelhantes superfluidades e absurdos, surpreendemos os pobres chorando de cansaço e de fome; ao lado do luxo nababesco das basílicas suntuosas, erigidas no mundo como

um insulto à glória da vossa humildade e do vosso amor, choram as crianças desamparadas, os mesmos pequeninos a quem estendíeis os vossos braços compassivos e misericordiosos. Enquanto sobram as lágrimas e os soluços entre os infelizes, nos templos, onde se cultua a vossa memória, transbordam moedas em mãos cheias, parecendo, com amarga ironia, que o dinheiro é uma defecação do demônio no chão acolhedor da vossa casa.

– Então, meu discípulo, não poderemos alimentar nenhuma esperança?

– Infelizmente, Senhor, é preciso que nos desenganemos. Por um estranho contraste, há mais ateus benquistos no Céu do que aqueles religiosos que falavam em vosso nome na Terra.

– Entretanto – sussurraram os lábios divinos docemente – consagro o mesmo amor à humanidade sofredora.. Não obstante a negativa dos filósofos, as ousadias da ciência, o apodo dos ingratos, a minha piedade é inalterável... Que sugeres,

***Deste Natal
em diante,
meu João,
descerrarás
mais um
fragmento dos
véus misteriosos
que cobrem
a noite triste
dos túmulos
para que a
verdade ressurja
das mansões
silenciosas da
morte***

meu João, para solucionar tão amargo problema?

– Já não dissestes, um dia, Mestre, que cada qual tomasse a sua cruz e vos seguisse?

– Mas prometi ao mundo um Consolador em tempo oportuno!...

E os olhos claros e límpidos, postos na visão piedosa do amor de seu Pai Celestial, Jesus exclamou:

– Se os vivos nos traíram, meu discípulo bem-amado, se traficam com o objeto sagrado da nossa casa, profligando a fraternidade e o amor, mandarei que os mortos falem na Terra em meu nome. Deste Natal em diante, meu João, descerrarás mais um fragmento dos véus misteriosos que cobrem a noite triste dos túmulos para que a verdade ressurja das mansões silenciosas da morte. Os que já voltaram pelos caminhos ermos da sepultura retornarão à Terra para difundirem a minha mensagem, levando aos que sofrem, com a esperança posta no Céu, as claridades benditas do meu amor!

E desde essa hora memorável, há setenta e oito anos, o Espiritismo veio, com as suas lições prestigiosas, felicitar e amparar na Terra a todas as criaturas.

Humberto de Campos

(Recebida em Pedro Leopoldo (MG), a 20 de dezembro de 1935)



Fonte:

XAVIER, Francisco Cândido. *Palavras do Infinito*. Págs. 66 a 71. LAKE. 2000.

Educação Moderna, Preparação ou Liberdade?

por Édo Mariani

Alguém já disse que filho é sinônimo de responsabilidade. E quando nos tornamos pai ou mãe, aquele ser que é depositado em nossos braços parece trazer consigo uma espécie de enigma que nós, na ânsia de cumprir a nossa missão de responsabilidade, tentamos decifrar.

Com o pequeno sob os nossos olhos, verdadeira avalanche de dúvidas parece tomar conta de nosso ser: Devo ser rígido ou liberal? Devo largá-lo à solta para não prejudicá-lo ou reprimi-lo? Será correto permitir que ele seja sempre o centro de todas as atenções e que se transforme em pequena máquina de estimação dentro de casa? Como protegê-lo sem controlar-lhe os impulsos infelizes? Devo conceder-lhe liberdade irrestrita, fazendo o que lhe venha à cabeça, a pretexto de garantir-lhe a saúde? Será natural deixá-lo crescer com a ilusão de que é plenamente livre, para depois encontrar, na posição de adulto, os constrangimentos da disciplina social, indispensável em qualquer parte, que lhe doerão ou pesarão muito mais pela ausência de treino ou preparação? Por outro lado, não corro o risco de ser repressor se agir de forma contrária?

É comum ouvir de pais responsáveis essas e outras perguntas a respeito de seus filhos.

A doutrina Espírita apresenta a solução para grande parte de nossos problemas e também não nos desampara quando o assunto é criar os filhos.

Emmanuel, em belíssima e instrutiva página ditada ao médium

Chico Xavier, intitulada “CRIANÇAS E NÓS”, ensina: “Muitos setores das ciências psicológicas asseveram que é indispensável preservar a criança contra a mínima coação, a fim de que venha a se desenvolver sem traumas que lhe prejudicariam o futuro. Isso, no entanto, não significa que deva crescer sem orientação. ▶



Independência desregrada gera violência, tanto quanto violência gera independência desregrada.

Releaguemos determinada obra arquitetônica ao descontrole e teremos para breve a caricatura do edifício que nos propúnhamos construir.

Abandonemos a sementeira a si própria e a colheita se nos fará desencanto.

Exigimos a instituição de um mundo melhor.

Solicitamos a concretização da felicidade comum.

Sonhamos com o levantamento da paz de todos.

Esperamos o reino da fraternidade.

Como atingir, porém, semelhantes conquistas sem a criança no esquema do trabalho a realizar?

Não mergulhará teu filho nas ondas revoltas da ira quando a dificuldade sobrevenha, e sim não te omitirás no socorro precioso, sem deixá-lo à feição de barco desarvorado ao sabor do vento. Não erguerás contra ele a palavra condenatória nos dias de desacerto, a insuflar-lhe, talvez, ódio e rebeldia nos recessos da alma, e sim procurarás sustentá-lo com a frase compreensiva e afetuosa que desejarias ter recebido em outro tempo, nas horas da infância, quando te identificaras nas sobras da indecisão.

Sabes conduzir a criança ao concurso da escola, à assistência do pediatra, ao auxílio do costureiro ou ao refazimento espiritual nos espetáculos recreativos. Por isso mesmo não lhe sonegues apoio ao sentimento, para que o sentimento que se lhe faça correto.

Concordamos todos que a crian-

ça necessita de amor para crescer patenteando mente clara e corpo sadio, entretanto, é impossível efetuar o trabalho do amor – realmente amor – sem bases na educação.”

Sabemos que uns condenam a educação moderna, saudosos dos tempos em que as crianças obedeciam aos pais pelo olhar e tremiam diante do mestre. Outros aprovam a nova educação sem a conhecer e fazem do seu princípio de liberdade uma forma de abandono. Não pode haver liberdade irrestrita, pois a

***Não pode
haver liberdade
irrestrita, pois a
liberdade só pode
existir dentro
das condições
necessárias***

liberdade só pode existir dentro das condições necessárias. Um homem solto no espaço, livre até mesmo da gravitação, não pode fazer coisa alguma e perecerá na desolação. Para que tenha liberdade é preciso que esteja condicionado pelo meio físico, pisando a terra e aspirando o ar, condicionado pelo corpo e pelo meio familiar e social, e assim por diante.

Ensina-nos o pedagogo José Herculano Pires: “A educação antiga era uma forma de domesticação. As crianças eram tratadas como animais. A educação moderna, a

partir de Rousseau, é uma forma de compreensão. O seu princípio básico não é a liberdade, mas a compreensão da criança como um ser em desenvolvimento. O seu objetivo não é o abandono da criança a si mesma e sim o cultivo paciente da criança, para que possa crescer sadia no corpo e no espírito. Os maus juízos sobre a nova educação provêm do seu desconhecimento pelos pais e pelos mestres, muitos dos quais não possuem aptidão para educar”.

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (cap. XIII, item 18) um Espírito familiar dita uma mensagem dedicada aos órfãos. Dela se valeu José Herculano Pires para pontuar: “- prescreve-nos ajudá-los, livrá-los da fome e do frio, orientar suas almas para que não se percam no vício. Esse o programa da nova educação. Seria um contra-senso convertermos os nossos filhos em órfãos, entregues a si mesmos, ao invés de vigiá-los, descobrir-lhes as arestas morais e orientá-los para o futuro.

Os depositários de bens materiais cuidam deles para que não se deteriorem. O lavrador cuida das suas plantações para que produzam. Os pais, depositários de almas, têm responsabilidade muito maior e mais grave que a daqueles. Precisam cuidar de seus filhos e ajudá-los para que sejam úteis no futuro”.

Vale meditarmos sobre este tema tão importante para o futuro de nossos filhos, nós que temos a grande responsabilidade de guiá-los e encaminhá-los para a vida.

Édo Mariani

Alguns Erros para Evitar

por Eduardo Martins



- **Em domicílio.** É a expressão correta para entregas ou para indicar situação estática: *Entregas em* (e não “a”) *domicílio.* / *Dão-se aulas em domicílio.* / *Fazem-se entregas em domicílio.* Equivale a: *Dão-se aulas em casa.* / *Fazem-se entregas em casa.* Só se admite a forma a domicílio com verbos de movimento: *Levaram o doente a domicílio.*

- **Quantia.** Use apenas para dinheiro: *Ganhou uma grande quantia no bingo* (e nunca: *Havia ali uma grande “quantia” de pessoas*).

- **Preço “barato”.** Nunca fale em preço “barato” ou preço “caro”, mas em *preço elevado, preço alto, preço baixo, preço módico.* Barato e caro já encerram a idéia de preço.

- **Quiser, puser.** Não existe z nas flexões dos verbos querer e pôr. Assim: *quis, quisesse, quiséssemos, quisera; pus, pôs, pusesse, puséssemos, pusera.*

- **Fax.** Palavra terminada em x não varia em português: *um fax, cinco fax.*

- **Negar que, embora e talvez.** Exigem subjuntivo depois: *Negou que fosse* (e não “que ia”) *sair.* / *Embora o faça* (e não “faz”), *reclama sempre.* / *Talvez o convide* (e nunca “convido”) *para a festa.*

- **Ter de ou ter que.** Prefira ter de. Ter que, embora aceita por muitos especialistas, ainda encontra restrições: *Tinha de sair cedo.* / *Tinha de dizer alguma coisa.*

E OUTROS PARA NUNCA COMETER

- **“Menas”.** Erro grosseiro. Menos não tem feminino. Por isso: *menos gente* (e nunca “menas” gente), *menos verdade* (e nunca “menas” verdade).

- **“Chego”, “trago”.** Nenhuma dessas formas existe. Assim: *Tinha chegado* (e nunca “tinha chego”). / *Tinha trazido* (e nunca “tinha trago”).

- **“Por causa que”.** Use porque ou por causa de: *Conseguiu o emprego porque* (e nunca “por causa que”) *tinha boa recomendação.*

- **“Germinada”.** *Uma casa é geminada* (de gêmeo) e nunca “germinada”.

- **“Seje”, “esteje”.** As flexões do verbo são *seja* e *esteja*.

- **“De menor”.** Uma pessoa é **maior** ou **menor**. Assim: *O assaltante era menor* (e nunca “de menor”) *ou maior* (e nunca “de maior”).

- **“Ficamos fora de si”.** O pronome concorda com o verbo: *eu fiquei fora de mim, ele ficou fora de si, nós ficamos fora de nós, eles ficaram fora de si.*

- **“Horas extra”.** Extra, neste caso, é adjetivo e varia: *horas extras.*

- **“Acredito de que”.** Verbo que responde à pergunta “o quê” não admite a locução **de que**: *acredito que* (e nunca “de que”), *penso que* (e nunca “de que”), *julgo que, creio que, revelou que, espero que, etc.*

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 142. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.

Afirmação e Ação

*“Disse-lhes Jesus: A minha comida é fazer eu a vontade daquele que me enviou, e cumprir a sua obra.”
(João, 4:34.)*

Aqui e ali, encontramos crentes do Evangelho invariavelmente prontos a alegar a boa intenção de satisfazer os ditames celestiais. Entregam-se alguns à ociosidade e ao desânimo e, com manifesto desrespeito às sagradas noções da fé, asseguram ao amigo ou ao vizinho que vivem atendendo às determinações do Todo-Poderoso.

Não são poucos os que não prevêm, nem providenciam a tempo e, quando tudo desaba, quando as forças inferiores triunfam, eis que, em lágrimas, declaram que foram obedecidas às ordens do Altíssimo.

No que condiz, porém, com a atuação do Pai, urge reconhecer que, se há manifestação de sua vontade, há, simultaneamente, objetivo e finalidade que lhe são conseqüentes.

Programa elevado, sem concretização, é projeto morto. Deus não expressaria propósitos a esmo.

Em razão disso, afirmou Jesus que vinha ao mundo fazer a vontade do Pai e cumprir-lhe a obra.

Segundo observamos, não se reportava somente ao desejo paternal, mas igualmente à execução que lhe dizia respeito.

Não é razoável permanecer o homem em referências infundáveis aos desígnios do Alto, quando não cogita de materializar a própria tarefa.

O Pai, naturalmente, guarda planos indevassáveis acerca de cada filho. É imprescindível, no entanto, que a criatura coopere na objetivação dos propósitos divinos em si própria, compreendendo que se trata de lamentável abuso muita alusão à vontade de Deus quando vivemos distraídos do trabalho que nos compete.

Emmanuel - Chico Xavier
Vinha de Luz

Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar"



R. Prof. Luís Silvério, 120
Vi. Marieta - Campinas/SP
(19) 3032-0256



O Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar" convida você e sua família para estudar o Espiritismo.

Venha conhecer a Filosofia, a Ciência e a Religião Espíritas.

- Uma aula por semana
- Aulas apostiladas e dinâmicas
- Exibição de filmes (em telão) alusivos aos temas
- Auditório com ar condicionado, som e imagem digitais
- Estacionamento e segurança no local
- Material didático (opcional)
- Aulas em datashow

CURSOS GRATUITOS

ATIVIDADES PARA 2008

| Cursos | Dias | Horários | Início | |
|---|----------|---------------|--------------|---|
| 1º Ano: Curso de Iniciação ao Espiritismo com aulas e projeção de filmes (em telão) alusivos aos temas. Duração 1 ano com uma aula por semana. | 2ª Feira | 20h00 - 21h30 | 11/02/2008 | Aberto ao Público: Necessário Inscrição: 3032-0256 / 3386-9019 3233-5596 |
| 1º Ano: Curso de Iniciação ao Espiritismo com aulas e projeção de filmes (em telão) alusivos aos temas. Duração 1 ano com uma aula por semana. | sábado | 14h00 - 15h00 | 16/02/2008 | Aberto ao Público: Necessário Inscrição: 3032-0256 / 3386-9019 3233-5596 |
| 2º Ano | 3ª Feira | 20h00 - 22h00 | 12/02/2008 | Restrito |
| 2º Ano | Sábado | 16h00 - 18h00 | 16/02/2008 | Restrito |
| 3º Ano | 4ª Feira | 20h00 - 22h00 | 13/02/2008 | Restrito |
| 3º Ano | Domingo | 9h00 - 11h00 | 17/02/2008 | Restrito |
| Parábolas Evangélicas: Estudo das Parábolas de Jesus à luz do Espiritismo. Duração: 1 ano com uma aula por semana. | 5ª Feira | 20h00 - 21h00 | 06/03/2008 | Aberto ao público. Não é necessário fazer inscrição. Basta comparecer na data. |
| Estudos Bíblicos: Estudo da Bíblia à luz do Espiritismo com aulas e projeção (em telão) de filmes alusivos aos temas. Duração: 1 ano com uma aula por semana. | sábado | 20h00 - 21h00 | 07/03/2008 | Aberto ao público. Não é necessário fazer inscrição. Basta comparecer na data. |
| Atendimento ao público | | | | |
| Assistência Espiritual: Passes | 2ª Feira | 20h00 - 20h40 | ininterrupto | Aberto ao Público |
| Assistência Espiritual: Passes | 4ª Feira | 14h00 - 14h40 | ininterrupto | Aberto ao Público |
| Assistência Espiritual: Passes | 5ª Feira | 20h00 - 20h40 | ininterrupto | Aberto ao Público |
| Assistência Espiritual: Passes | Domingo | 09h00 - 09h40 | ininterrupto | Aberto ao Público |
| Evangelização da Infância: De 3 a 14 anos | Domingo | 10h00 - 11h00 | Fev / Nov | Aberto ao Público |
| Mocidade Espírita: De 15 a 23 anos | Domingo | 10h00 - 11h00 | ininterrupto | Aberto ao Público |
| Palestras | Domingo | 10h00 - 11h00 | ininterrupto | Aberto ao Público |